

# 1 Coríntios 13:1

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine” (1 Coríntios 10:13, ACF).

“Se eu falasse nos idiomas dos homens e dos anjos, mas não tivesse amor, tornar-me-ia como o latão [ou, cobre] que soa ou o címbalo que tine” (1 Coríntios 10:13, tradução do autor).

Visto que o amor é o caminho por excelência para esses dons,<sup>2</sup> alguém poderia supor que ele não é o único caminho. Permanece possível, até onde diz respeito as declarações dos capítulos anteriores, obter esses dons de outras formas. Todavia, 1Co. 13:1 não diz que alguém já tenha recebido de fato os dons de idiomas, conhecimento, profecia ou fé, sem ter também o amor. O versículo é uma sentença condicional geral presente sem nada implícito, o verbo da cláusula subordinada estando no subjuntivo com o grego *ean*.

A frase “idiomas de homens e anjos”, mostra que o sentido é idiomas inteligíveis. As “línguas” de 1 Coríntios 13 não eram algaravia.<sup>3</sup> Dificilmente algaravia pode ser classificado como uma das línguas ou idiomas dos homens; nem poderia alguém supor que os anjos justos falam de uma forma ininteligível e irracional. Se o homem pecador é um ser racional, os anjos justos muito mais. Deus é um Deus de verdade, sabedoria e conhecimento. Seus mensageiros (anjos) escolhidos não são dementes. Mesmo se a frase “de anjos” for tomada hiperbolicamente, como Beza o faz, a verdade sóbria e literal sobre os anjos impede que a hipérbole reduza a conversação deles a sílabas sem sentido.

“Amor” aqui é a palavra grega *agape*. Esse termo tem sido elevado à proeminência em anos recentes pelo Bispo Nygren e a ética situacional de Joseph Fletcher. Hodge diz: “A palavra grega *agape* não é de origem pagã”. Contudo, Hodge escreve antes que a palavra é encontrada em escritores pagãos; e o verbo *agapao* tem estado em uso desde o tempo de Homero. Um

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em 02 de julho de 2008.

<sup>2</sup> Conforme discussão na seção anterior do livro [vide fonte]. (Nota do Monergismo)

<sup>3</sup> Linguagem confusa e ininteligível, como as supostas “línguas” no movimento pentecostal e neo-pentecostal. (Nota do Monergismo)

estudo léxico dissipará a atmosfera mística que escritores contemporâneos têm colocado ao redor dela.

*Agapao*, de acordo com Liddell e Scott, significa cumprimento com afeição, mostrar afeição pelos mortos; é o amor de Deus pelo homem e o amor do homem por Deus; a palavra é distinta de *phileo*, que implica respeito ao invés de afeição (embora Liddell e Scott façam a observação que os termos são intercambiáveis). Raramente é usada para amor sexual, embora Xenofontes conecta-a com prostitutas. Pode significar carinho ou mimo, gostar de, apreciar ou desejar, estar contente; e seu objeto pode ser coisas bem como pessoas.

Para o substantivo *agape* Liddell e Scott listam: amor, o amor de um marido por sua esposa (no uso pagão e, portanto, original), amor de Deus pelo homem e amor do homem por Deus, caridade, esmolas, e festas de amor.

Arndt e Gingrich, cujo léxico não é um léxico geral do idioma grego, mas somente do Novo Testamento e da literatura cristã (e da LXX), apresentam quase a mesma coisa: afeição por pessoas, amor de Deus, usado intercambiavelmente com *phileo*, amor por coisas (honra, o mundo, recompensas); e similarmente para o substantivo.

No Novo Testamento *agape* ocorre 116 vezes e o verbo 142 vezes. O Evangelho de João tem o verbo 37 vezes e 1 João 28 vezes, o substantivo 7 e 18 vezes. Em 1 Coríntios o verbo aparece apenas duas vezes, e o substantivo 14 vezes. A variedade de significado impede as restrições imaginativas que têm recentemente penetrado o nível congregacional.

Seria muito enfadonho citar as 258 ocorrências do substantivo e do verbo; mas para mostrar que a palavra em si, à parte do contexto, não designa alguma relação religiosa peculiar, apropriada para a ética situacional, e certamente não apenas uma relação inter-trinitariana, ou algo diferente de “amor” em suas conotações mais gerais, uns poucos versículos do Novo Testamento serão citados.

Efésios 5:25, 28: “Vós, maridos, amai vossas mulheres ... Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo”. As palavras omitidas, “como também Cristo amou a igreja”, poderiam ser usadas para alegar que *agapao* não poderia se referir a amor sexual ou a um amor de interesse próprio. Contudo, a frase repetida “as suas próprias mulheres”, e não mulheres em geral, mostra que não se quer dizer a benevolência geral, e certamente nem a promiscuidade; e a frase “seus próprios corpos” elimina um amor desinteressado. A idéia é repetida uma terceira vez cinco versículos adiante.

João 21:15-17, que muitos sermões torturam engenhosamente, mostra que *agapao* e *phileo* são intercambiáveis. Cristo pergunta: Amas-me (*agapao*)?

Pedro responde: Eu te amo (*phileo*). A mesma pergunta e resposta são então repetidas. Pedro mudou deliberadamente o verbo e o significado? Cristo referiu-se a um amor celestial, e Pedro a algum amor terreno (ou vice-versa)? Ou Pedro simplesmente usou um sinônimo? João, o autor, mostra que as palavras são sinônimas. Observe: Jesus disse a terceira vez, “Simão, amas-me (*phileo*)?”. Contudo, Cristo não tinha usado *phileo* anteriormente. Essa foi a primeira vez em que Cristo usou esse verbo; mas nas três vezes o significado era o mesmo. Pedro entristeceu-se. Ora, se os dois verbos não fossem sinônimos, a conversação teria sido da seguinte forma: “Pedro, se você não me *agapas*, você nem mesmo me *phileis*?” Então Pedro, entristecido, teria respondido: “Senhor, tu sabes que eu te *agapo*”. Contudo, isso não foi o que ele disse.

Que *agapao* pode significar, não somente o amor de alguém por sua esposa, mas também o sexo ilícito, é claro a partir de *Memorabilia* 1, 5, 4 de Xenofontes: “desfrute de comida, vinho e do amor (*agapao*) das prostitutas, ao invés de amigos nos braços”. Sem dúvida, Xenofontes era um escritor pagão do século IV antes de Cristo, e seu uso de *agapao* é raro; todavia, isso mostra que o idioma grego não exclui tal significado.

O propósito desse parêntese léxico é despojar nossas mentes de quaisquer noções pré-concebidas quanto ao que Paulo quis dizer e o que ele possivelmente não poderia ter pretendido por *agape*. O sentido deve ser obtido do Novo Testamento e especialmente do uso Paulino.

Como um passo preliminar para especificar o significado de amor, alguém pode citar João 14:15, 21 e João 15:10, 14, onde amor, se não formalmente definido como obediência, está tão intimamente conectado com esse significado que parece não haver lugar para algo mais. 1 João 2:3-5 apóia isso, e 1 João 5:2 diz: “Nisto conhecemos que amamos (*agapomen*) os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos”. Portanto, a característica visível do amor parece ser a obediência, e o próprio amor é um desejo de obedecer. Há alguma razão para supor que Paulo discorda com o conceito de amor apresentado por João?

**Fonte:** *1 Corinthians*, Gordon Clark, Trinity Foundation, páginas 205-208.